

## RESENHA

*Elizabeth Gomes\**

KINGSOLVER, Barbara. **The Poisonwood Bible**. Nova York: Harper-Perennial, 1998. 543p.

Talvez alguns acadêmicos questionem a inclusão de obras de ficção de autores não cristãos em resenhas para estudiosos comprometidos com Cristo e sua igreja. Quando li este livro pela primeira vez, há cinco anos, fiquei perturbada por sua temática, e igualmente movida pela arte e verdade que a autora, até então desconhecida por mim, transmitiu. Barbara Kingsolver foi criada por pais médicos envolvidos com saúde pública no Congo/Zaire e atribui a eles seu amor por aquele “lugar de maravilhas: ensinaram-me a prestar atenção e cedo me conduziram a um caminho de examinar o grande e movente terreno entre justiça e aquilo que é justo”. Ela diz que seus personagens são “pura invenção, sem nenhuma relação, pelo que sei, com pessoas sobre esta terra. Mas o Congo em que os coloquei é autêntico. Os personagens e os eventos históricos são tão reais quanto pude apresentá-los com a ajuda de documentos históricos em todas as suas fascinantes variedades” (p. 9).

Ela atribui a escrita do livro a duas surpreendentes fontes de inspiração literária: o *Dictionnaire Kikongo-Français* de Laman e a Bíblia King James. Depois de considerar mais a fundo as minhas próprias lembranças de missões e missiologia e o estudo de antropologia cultural, concluí que este livro tem muito a contribuir para o entendimento – e o desentendimento – moderno das missões evangélicas, mesmo com tantas referências negativas. Como o filme “Matando nos Campos do Senhor” (*Killing in the Fields of the Lord*), que trata de missionários entre os índios do Amazonas, a “Bíblia da Árvore-Veneno” (tradução literal do título do livro) mostra como um mau entendimento de missões, do alvo missionário e do que seja um missionário pode repercutir

---

\* Mestranda do Centro Presbiteriano de Pós-Graduação Andrew Jumper na área de Teologia Filosófica. Tradutora e colaboradora dos Ministérios Refúgio.

destruindo o obreiro, a obra missionária e aqueles cujas vidas estão ligadas ao obreiro e sua obra.

Barbara Kingsolver, bióloga por profissão e escritora por vocação, conta a história de uma família que foi da Geórgia, Estados Unidos, para o Congo em 1959, e é narrada por cada um de seus participantes. Sua personagem Orleanna diz em retrospecto: “Pisei a África sem pensar, diretamente do início inspirado de nossa família até seu terrível final. No meio disso, em meio àquelas noites esfumaçadas e dias sombriamente coloridos, com cheiro de terra, creio que havia algum cerne de instrução sincera... Não tínhamos alvo maior do que dominar toda criatura que se movia sobre a terra... descemos ali, a um lugar que julgávamos sem forma, onde apenas trevas se moviam sobre as águas. Só que começava e terminava *conosco*... só podemos falar das coisas que carregamos junto a nós, e das coisas que levamos embora” (p. 10).

A filha Leah descreve a chegada ao aeroporto, vestindo várias camadas de roupas para evitar pagar excesso de bagagem no avião: “Esse era o nosso fardo, porque havia tanto que precisávamos trazer até aqui... um martelo de gancho, um Hinário Batista... Nossa jornada seria um grande empreendimento de equilíbrio. Meu pai, claro, estava trazendo a Palavra de Deus – que felizmente não pesa absolutamente nada” (p. 19).

Ruth May, a caçula, depois de vomitar e desmaiar no avião, começa descrevendo o que entende dos africanos: eles são “da tribo de Cam. Cam era o pior dos filhos de Noé: Sem, Cam e Jafé...”, e dá a explicação racista de pessoas da Geórgia de que “eles não frequentam a mesma igreja que nós nem vão ao restaurante White Castle onde a gente vai tomar coca cola com a mamãe”.

Rachel, adolescente com ar de superioridade, descreve a recepção calorosa do povo cristão com quem eles trabalhariam, que cantava os mesmos hinos que eles nos Estados Unidos, só que “bem à frente de nossos olhos, algumas das mulheres estavam lá paradas à luz da fogueira com os peitos de fora como um ovo de gaio. Algumas dançavam, outras simplesmente ficaram ali cozinhando como se a nudez não fosse nada demais... muito ocupadas com o animal no fogo, despedaçando-o e misturando com algo fumegante num caldeirão...”. E quando o líder zaireense pede para o reverendo Price agradecer pela comida, o missionário passa a pregar sobre Ló e a iniquidade, em Gênesis 19. Ela chora ao provar a comida apimentada e diz: “Chorei pelos pecados de todos os que trouxeram a minha família a essa horrível e negra praia” (p. 29).

Já a descrição mais rica das impressões e do lugar é a de Adah, a gêmea manca e muda que sofrera de afasia de Broca ao nascer e guardava para si os pensamentos. “O silêncio tem suas muitas vantagens. Quando não se fala, outras pessoas presumem que somos surdos ou de mente fraca e prontamente exibem suas próprias limitações. Apenas de vez em quando tenho de quebrar meu silêncio: grito ou fico perdida no arrastão. Escrevo e desenho em meu caderno e leio qualquer coisa que eu quiser. É verdade, não falo tão bem quanto penso. Mas, pelo que sei, isso é verdadeiro quanto à maioria das pessoas” (p. 34).

Leah, a gêmea “forte”, descreve sua tentativa de ajudar o pai a fazer uma horta, quando ele é advertido por Mama Tataba a fazer morrinhos e não pôr a mão na árvore-veneno. Ele a ignora e responde que cuida do solo desde criança – e no dia seguinte acorda de olhos inchados, com uma brotoeja horrível nas mãos e nos braços, pele cheia de pus. Leah descreve o pai com admiração: “Algumas pessoas o acham severo e assustador, mas isso é só porque ele foi dotado de juízo tão arguto e pureza de coração. Foi escolhido para uma vida de provações, como Jesus. Sendo sempre o primeiro a perceber os defeitos e as transgressões, cabe ao Pai entregar a penitência... sempre pronto a reconhecer o potencial de salvação que reside no coração do pecador... sei que um dia, quando eu tiver crescido bastante no Espírito Santo, terei de todo o coração a sua aprovação... Ele aprendeu por si mesmo a ler partes da Bíblia em hebraico e antes de vir para a África fez todas nós sentarmos e aprender francês para divulgar nossa missão. Ele já esteve em tantos lugares, inclusive em outra selva estrangeira, nas ilhas Filipinas, onde foi um herói ferido durante a Segunda Grande Guerra. Assim, ele já viu quase de tudo” (p. 42).

Enquanto o marido, pai e pastor “se ocupava da salvação de Kilanga”, insistindo no batismo no rio (que para as pessoas que frequentavam a igreja seria “dar seus filhos como alimento aos crocodilos”), o líder da vila sugeria que batizassem por aspensão, mas não aceitava a idéia de que só poderia ter uma esposa. O livro continua a narrar a história, do Gênesis ao Apocalipse, intercalando Juízes e Êxodo, sob o ponto de vista de cada uma das mulheres dessa malfadada família missionária. O pior é quando o povo do vilarejo rejeita por completo a pregação – porque Nathan Price insiste em pregar “que Jesus é árvore-veneno” (bãngala) por não conseguir pronunciar o vocábulo para “salvação”, que aos seus ouvidos tem som idêntico ao da palavra que designa o que há de mais nocivo na agricultura africana. Embora eles tivessem ido passar apenas um ano na selva, o pai desobedece as instruções da missão e decide que permanecerão ali até que todos se convertam. Enquanto isso, o Congo passa por tremendas transformações sociais e históricas, nas quais a esposa e as filhas se envolvem e das quais elas jamais sairão as mesmas. Orleanna abandona o marido, que morre na selva; as filhas seguem seus diferentes rumos, na África de Lumumba, na faculdade de medicina de Atlanta ou na África do Sul.

Este livro abre a mente ao mesmo tempo em que fere o coração de quem deseja ver o trabalho missionário prosperar. Creio ser importante enxergar o que é falso, para quem quer entender o verdadeiro sentido de missões transculturais. Daí a insistência em que se leia este livro sobre algo que poderia ter acontecido na África como advertência para o que acontece no Brasil e poderá vir a acontecer em outras partes do mundo, em outras tribos, povos e nações – se não atentarmos para o que Deus realmente requer de nós como despenseiros de sua multiforme graça e verdade.